

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: CRIANÇAS COMO INVESTIGADORAS

JERUZA DA ROSA DA ROCHA¹; MARTA NÖRNBERG ²

¹Universidade Federal de Pelotas/UFPEL – luaia.je@gmail

²Universidade Federal de Pelotas/UFPEL – martaze@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte do projeto de tese do doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. A pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola localizada em Nova Gonçalves, interior do município de Canguçu/RS. Nova Gonçalves é uma comunidade de pomeranos, constituída por pequenos agricultores de fumo e soja, de descendência germânica, e quilombolas (afrodescendentes). Os colaboradores da pesquisa são quatorze crianças do 6º ano do Ensino Fundamental.

O objetivo do trabalho é apresentar as escolhas e estratégias utilizadas para construir o objeto de pesquisa com a participação das crianças na geração de dados. A intenção foi trabalhar de forma colaborativa com as crianças na construção de ferramentas metodológicas que sinalizassem o cotidiano da escola, tendo como pergunta norteadora “o que acontece na escola?”

Para isso, foi realizada a roda de diálogos com as crianças, no intento de construirmos ferramentas metodológicas que anunciassem parte do cotidiano escolar. Nesse sentido, as crianças apresentaram a possibilidade de realizar produções de áudio e vídeo e fotografias dos espaços da escola. Decidimos juntas que as produções das imagens seriam feitas pelas crianças, ou seja, fazendo a produção das imagens as crianças narrariam o cotidiano da escola.

O aporte teórico dos Estudos das Crianças e da Sociologia da Infância embasam este estudo. Entendemos as crianças como atores sociais capazes de reinterpretar e resignificar o contexto em que estão inseridas a partir do interesse e da necessidade de compreender o mundo que as rodeia.

Assim, os esforços deste trabalho centram-se em apresentar as escolhas metodológicas com a participação das crianças como colaboradoras da pesquisa. A intenção não é apresentar a análise das produções de imagens, mas mostrar como podemos criar estratégias que possibilitem a pesquisa participativa com as crianças. A aposta tem sido a de construir uma investigação tendo as crianças como colaboradoras na constituição de ferramentas metodológicas que registrem suas interpretações e modos de comunicar o meio social ao qual pertencem, em especial, a escola. Assim, este estudo dialoga com aspectos do campo empírico e epistemológico, visando a construção de ferramentas metodológicas que salientem as diversas formas das crianças interpretarem e comunicarem o cotidiano que vivenciam.

2. METODOLOGIA

O amparo metodológico inspirou-se nos estudos da etnografia e da pesquisa com crianças, referenciada pela obra de GRAUE e WALSH (2003), a qual permite compreender que, para além da rigorosidade na coleta de dados, a flexibilidade para revisar e aprofundar outros caminhos teóricos e ferramentas metodológicas faz-se necessária quando realizamos pesquisa com crianças. Entendamos a necessidade

de pensarmos e buscarmos novas metodologias de pesquisas quando se prioriza a participação das crianças no processo investigativo. Ainda que a etnografia configure-se como uma metodologia que prioriza a descrição densa dos fatos e a inserção prolongada do pesquisador no contexto a ser investigado, compreendo que é alternativa potente porque, justamente, permite a efetiva participação das crianças no processo investigativo.

A potência desse método está na possibilidade que oferece quanto à valorização da compreensão que as crianças produzem como colaboradoras da investigação, bem como no fato de ser um método recursivo na medida em que permite revisitar dados já coletados, aprofundando compreensões sobre a realidade empírica, tensionada pelas concepções teóricas armadas. Os dados “não andam por aí a espera de serem recolhidos”; emergem de uma combinação de interação do pesquisador com o contexto e “das relações com os participantes” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 94). Essa interação distancia-se de uma visão apenas colaborativa; trata-se de um envolvimento coletivo e ético.

No campo de estudos da Sociologia da Infância discute-se a emergência de ferramentas metodológicas que se aproximem das crianças, distanciando-se de uma concepção de incapacidade ou fragilidade em relação a elas. É necessário respeitar o que dizem e pensam as crianças em sua diversidade de manifestar-se e comunicar sobre o meio social no qual estão inseridas.

O desafio de trabalhar com metodologias participativas é a “presença da criança-parceira no trabalho interpretativo, mobilizando para tal um discurso polifônico e cromático, que resulta da voz e ação da criança em todo o processo” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 55). Para isso, há um duplo desafio a ser aceitado e enfrentado: a imaginação e criação de ferramentas metodológicas convergentes ao processo investigativo e um redimensionamento da identidade enquanto pesquisador, descentralizando sua função de gestor central de todo o processo investigativo para sinalizar as crianças enquanto colaboradoras ativas da pesquisa. Por isso, defende-se a compreensão da investigação participativa “como um espaço intersubjectivo, para onde confluem múltiplas formas práticas, conceptuais, imaginárias e empáticas de conhecimento” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 57).

Dessa forma, trabalhar em investigação conduzida com a participação das crianças na construção de ferramentas metodológicas delineia-se como um processo inventivo, imprevisível e, principalmente, flexível, o qual, à medida que avança em seu desenvolvimento, vem se configurando metodologicamente acessível a novas discussões teóricas e empíricas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos a experiência de construirmos novas ferramentas metodológicas com a participação das crianças como potencialmente produtiva. Apostando na emergência de investigações participativas que sinalizem as crianças como atores sociais, e apoiada nos estudos da Sociologia da Infância, que recusa o domínio geracional e busca a polifonia de vozes das crianças, lado a lado, com o pesquisador no seu trabalho interpretativo.

Primeiramente, propusemos às crianças que elas apresentassem a escola, a qual seria contada por meio da escrita de um livro. Assim, lançamos o convite para as crianças participarem da pesquisa. O convite foi aceito por quatorze crianças do 6º ano do ensino fundamental.

A “Roda de diálogo” (THUM, 2009) foi a estratégia escolhida para conversar com as crianças, pois “caracteriza-se por ser um momento de interpretação da cultura local” (p. 153). A interpretação feita pelas crianças sobre o contexto da escola nos aproxima do que elas dizem, pensam e resignificam, permitindo dialogar com a “reprodução interpretativa” (CORSARO, 2011). SOARES (2009) sinaliza “a existência de espaços de escuta das crianças, de comunicação, de diálogo, para os quais confluem as intersubjetividades daqueles que falam e daqueles que ouvem” (p. 303). Essa interação entre pesquisador e crianças anuncia aproximações e partilhas, com as crianças, sobre os seus saberes e as resignificações que fazem, ou seja, permite capturar evidências que ajudam a compreender o que interpretam, recriam e reproduzem as crianças a partir da questão “O que acontece na escola?”

Ao lançar a questão ao grupo das crianças, as indagamos sobre como poderiam reunir essas informações e como poderiam apresentá-las a possíveis leitores. As crianças propuseram filmar e narrar o que acontecia na escola, bem como fotografar e utilizar legendas explicativas. Neste sentido, foi gerado pelas crianças produções de imagens dos espaços do pátio da escola, da sala de aula, do refeitório, sala dos professores, biblioteca, sala de música, sala da coordenação e do transporte escolar. Concomitante a esse processo, ocorreram narrações explicativas das crianças sobre o que ocorria nesses espaços e quais relações entre as professoras, merendeira, servente e motorista do transporte escolar ocorriam em cada espaço filmado.

Assim, o material empírico da pesquisa vem sendo constituído por meio da produção de imagens (áudio e vídeo) feitas pelas crianças do 6º ano da escola campo-pesquisa, que, até o momento, produziram 3:00h de imagens sobre os espaços da escola a partir da pergunta norteadora “o que acontece na escola?”

Os movimentos de diálogo, escuta e observação atenta às crianças permitiram demarcar as escolhas e as ferramentas metodológicas da pesquisa, anunciando modos de compreender e de interpretar o cotidiano da escola por meio de produções de imagens realizadas pelas crianças. O registro das imagens é relevante quando estamos em contexto de investigação, pois, ao nível da microanálise, a decisão do que e do quando filmar é pertinente em contexto de pesquisa. Como qualquer outra ferramenta, é necessário estar atento à duração da cena filmada, experimentado o desafio que “é descobrir maneiras criativas de utilizar” os vídeos produzidos pelas crianças (GRAUE e WALSH, 2003, p. 137). Por isso, entendemos que também é relevante registrar em diário de campo cenas não capturadas pela câmera, como: comentários paralelos, gestos, olhares e pistas para avançarmos na geração dos dados.

4. CONCLUSÕES

As apostas deste estudo se direcionam para a construção de ferramentas metodológicas com as crianças no campo da pesquisa. Os estudos no campo da Sociologia da Infância concebem as crianças como atores sociais e sujeitos de direitos, sinalizando a participação das crianças em processos investigativos como elemento central “na definição de um estatuto social da infância e na caracterização do seu campo científico” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 49). Conceber a participação das crianças em processos investigativos, ouvir o que dizem suas interpretações, anuncia um redirecionamento na pesquisa com as crianças, distanciando-se de suas presenças como objetos e inserindo-as como atores sociais

potentes na formulação de questões referentes às realidades e ao mundo social ao qual pertencem.

Trabalhar com os modos de comunicação que as crianças constroem no processo de reinterpretação, concomitante com os estudos das ciências, em especial, da Sociologia da Infância, é o desafio proposto às metodologias participativas. Nessa direção, é dispensável o domínio do adulto-pesquisador como gestor central da pesquisa; mas, indispensável é a inserção das crianças-investigadoras no processo da pesquisa colaborativa, pois elas evocam um discurso polifônico enriquecendo o trabalho interpretativo do pesquisador.

Destacamos neste contexto o processo de criação e imaginação metodológica como meio capaz de inserir as crianças como proponentes de novos caminhos epistemológicos e metodológicos (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005). As imagens produzidas apresentam o cotidiano da escola em relação aos espaços e as relações que ocorrem nos mesmos a partir da visão das crianças, que agem como colaboradoras investigativas e produtoras de ferramentas metodológicas que permitem compreender seu olhar sobre a realidade social e escolar da qual pertencem. Desocultando suas vozes, as metodologias participativas recuperam a partilha de saberes, de criação e rompem a perspectiva etnocêntrica da voz única, a dos adultos. Pensar perspectivas participativas e construí-las permite a parceria com as crianças; caracteriza o processo investigativo como flexível, aberto, interativo; retoma a ética e o respeito à presença das crianças em ações investigativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GRAUE, M. E; WALSH, D. J. **Investigação Interpretativa com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 2003.
- SOARES, N. F.; SARMENTO, M.J.; TOMÁS, C. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances**: estudos sobre educação – ano XI, v. 12, n. 13, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/1678/1593>
- SOARES, F. N. **Infância, Direitos e Participação**: Representações, Práticas e Poderes. Porto: Edições Afrontamento, 2009.
- THUM, C. **Educação, História e Memória**: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. Tese de Doutorado. São Leopoldo; Unisinos, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/CarmoThumEducacao.pdf>